

DESIGN EDITORIAL DE LIVROS INFANTIS

Maria Luisa da Rocha de Rezende

Acadêmica do curso de graduação em Design – Faculdade da Serra Gaúcha

Palavras-chave:

Design gráfico editorial. Design gráfico de livro infantil. Livro infantil ilustrado.

Resumo

Diferentemente das publicações didáticas usadas com apoio do professor em sala de aula, o livro paradidático infantil, de contos históricos e ficção, destina-se à sedução, informação e divertimento das crianças em fase de letramento. Além de ser um recurso essencial no processo de primeiro contato com o mundo das letras, o livro de literatura infantil é um poderoso aliado da alfabetização. No atual cenário brasileiro, onde dados de pesquisas em âmbito nacional revelam que o interesse pela leitura vem diminuindo, a publicação desse tipo de obra abre para o designer gráfico oportunidades de atuação profissional – no projeto editorial, conceituação, diagramação, ilustração etc. –, e evidencia o seu importante papel no contexto social e cultural. Tendo isso em mente, o presente artigo faz uma revisão da literatura da área do design, relacionando com exemplos atuais, buscando explicar as categorias existentes de livros infantis, seu teor e elementos gráficos, juntamente com os tipos de comunicação que podem estar presentes em uma publicação, suas aplicações, características e importância.

INTRODUÇÃO

O cenário atual da leitura no Brasil não é bom. Segundo a pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro (2012) a média de leitores – os quais em um período de três meses leram pelo menos um livro completo, ou em partes – diminuiu cerca de 5% em relação a 2007.

“Não se constrói um país de cidadãos conscientes, competentes e que compreendem criticamente o que leem e escutam sem lhes possibilitar o acesso a livros e leituras de qualidade” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2012, p. 7).

A leitura, de acordo com Paiva (2011), é essencial na formação e desenvolvimento intelectual do ser humano. Ela reflete no conhecimento, senso ético e estético do indivíduo. Ferreira & Dias (2002), citando Foucambert (1994), aponta que o desenvolvimento da leitura e escrita em alguém permite a compreensão das coisas e a diferenciação entre poder e poderes, sendo o

primeiro “ir além do evidente”, enquanto o segundo é “a compreensão estática e não reveladora do real” (FERREIRA & DIAS, 2002, p.2).

Neste âmbito, a escola é o maior meio de incentivo a formação de leitores no Brasil. Nela a literatura infantil ganha espaço apropriado, possibilitando a atenção das crianças (leitores em formação) e promovendo o contato prazeroso dos pequenos com a leitura através de atividades planejadas (PAIVA, 2010). No ensino da leitura somente se aprende a ler lendo, para tal, é importante estar inserido em um meio que proporciona contato com diversas temáticas (FERREIRA & DIAS, 2002). Em concordância, Abramovich (1997) relata que ao entrar na escola, a maior marca deixada foi a grande e diversificada biblioteca que despertou seu interesse ao ponto de torná-la uma leitora voraz.

De acordo com o MEC (2012, p. 11) o “letramento e a alfabetização revelam-se como demandas nucleares dos anos iniciais” do ensino. Para Lajolo (2008, p. 106), citado por Paiva (2010, p. 23), a leitura e sua inserção no currículo escolar são essenciais.

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 2008, p.106).

O MEC (2012) aponta que tal contato com a literatura pode influenciar uma aprendizagem mais significativa além de abordar temas difíceis da vida da criança como a morte, a perda e o medo.

Como aponta a pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro (2012), crianças de cinco a dez anos apresentam maior crescimento como perfil de leitor (14%). Paiva (2010, p. 3) aborda que para crianças a leitura é como alimento devido ao “apetite voraz pelo belo”, encontrando na literatura infantil à saciedade de seus anseios e interesses.

REFERENCIAL TEÓRICO

1 Livro de Literatura Infantil – Aliado do Ensino

O ciclo de alfabetização de uma criança dá-se do 1º ao 3º ano (dos seis aos oito anos) do ensino fundamental (MEC, 2012). Mediante isso, o contato com livros nessa idade é indispensável para o bom desenvolvimento do ciclo. Como aponta o jornal Pioneiro (2014)

em entrevista à pedagoga Adriana Battisti, “o livro de literatura infantil é um recurso essencial nesse processo, pois permite que a criança tenha um encontro prazeroso com o mundo das letras” e, aliado à alfabetização, permitem que a mesma alcance o letramento (leitura e escrita) de maneira rápida (PIONEIRO, 2014, p. 18).

Nem sempre o didático é o único recurso a ser utilizado pelos professores no ensino. Livros de leitura como contos e fábulas permitem um contato prazeroso com as diversas áreas do conhecimento, favorecendo no processo de alfabetização (MEC, 2012). Segundo PIONEIRO (2014) a curiosidade oriunda do desconhecido abordado pelos livros é algo que deve ser aproveitado.

O livro de leitura, diferentemente do didático, não foi escrito para o uso com o apoio do professor, mas para promover um estímulo e ajudar na formação do leitor por meio da sedução, informação, divertimento e convencimento dessas crianças em fase de letramento (MEC, 2012). O livro como objeto de leitura é considerado por Paiva (2010, p. 24), como um “símbolo mágico” justamente pela oportunidade de desvendar segredos e através dele há a possibilidade do leitor projetar-se no universo proposto na história. Paiva (2010, p. 25), citando Sosa (1978), coloca que para o livro ser interessante ele precisa mexer com o imaginário da criança, sendo eles com temáticas de “mitos, aparições da antiguidade, monstros ou realidades dos tempos modernos; exposto numa forma expressiva qualquer: lenda, conto, fábula, quadrinhos, etc.; descrito com beleza poética e ilustrações que mais sugerem do que dizem”.

Ouvir histórias também é muito importante para a formação de crianças, pois escutá-las é o ponto inicial para promoção do gosto pela leitura (ABRAMOVICH, 1997). Em um momento que a criança não sabe ler, o primeiro contato com o texto e letras é através da voz de um mediador (professores, pais, avós, etc.) (ABRAMOVICH, 1997 e LINDEN, 2011). Através do ato de leitura em voz alta e aproveitando-se das situações verbais (entonação correta e fala dos diálogos relacionando-os aos personagens) nela trazidas, é possível criar um clima envolvente, onde a criança tem oportunidade de desenvolver o imaginário, a curiosidade, de colocar-se no universo da história, descobrindo outros lugares e épocas (ABRAMOVICH, 1997).

É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 1997, p. 17)

Quando ocorre o contato com os livros, é despertado na criança o desejo de ler sozinha (MEC, 2012). Como relata Abramovich (1997), poder ler sozinho é uma volúpia que dá-se na escola, onde seus acervos e bibliotecas são um mundo infinito e mágico a ser desvendado pela criança em fase de letramento.

2 O Livro Infantil Ilustrado

A ilustração é um meio de complementação e encenação da história. O livro ilustrado não foi feito inicialmente para leitores, mas para não leitores (LINDEN, 2011). Anne-Marie Christin, citada por Linden (2011, p. 89) traz à tona que “a escrita nasceu da imagem, daí sua vocação para se associar novamente a ela.”

O Pioneiro (2014) coloca que para crianças que possuem um contato inicial com a leitura e escrita, os livros com ilustrações interessantes são indicados por atrair a atenção à leitura. Enfim, a ilustração tem o papel de apoiar a imaginação do leitor para a compreensão do que o texto aborda (MEC, 2012).

Mediante a importância do livro infantil ilustrado, Haslam (2007) afirma que, nos últimos anos, a área apresentou uma grande expansão. No Brasil, essa importância já foi e vem sendo cada vez mais reconhecida. Atualmente o MEC (2012) distribuiu às escolas públicas de ensino fundamental um acervo de livros complementares do 1º ao 3º ano do ensino fundamental (fase de letramento), escolhidos e selecionados por diferentes especialistas. No processo foram submetidas 1344 obras para avaliação, sendo eleitas apenas 180 e organizadas em seis acervos de 30 livros (MEC, 2012).

As características observadas pelos avaliadores foram (MEC, 2012, p. 26):

- Qualidade do texto e adequação da linguagem à faixa etária das crianças;
- Adequação do projeto gráfico-editorial;
- Observância aos preceitos éticos necessários ao convívio humano e ao exercício da cidadania;
- Contribuições pedagógicas à alfabetização e ao letramento.

3 Design Gráfico de Livros Infantis

Segundo ADG (Associação dos Designers Gráficos), design gráfico é

termo utilizado para definir, genericamente, a atividade de planejamento e projeto relativos a linguagem visual. Atividade que lida com articulação de texto e imagem, podendo ser desenvolvida sobre os mais variados suportes e situações. Compreende as noções de projeto gráfico, identidade visual, projetos de sinalização, design editorial, embalagem, entre outras (ADG, 2012, p. 70).

O livro *O valor do design* da ADG Brasil (2003, p. 27) traz como campos de trabalho no design gráfico: identidade corporativa, publicações institucionais, embalagem, material promocional, design ambiental, design editorial e mídia eletrônica.

Design editorial é a subdivisão do design gráfico regida por princípios como a produção em série, e otimização da estética com a utilidade (HEITLINGER, 2012). Possui caráter de edição, sendo a preparação de textos e imagens que formam uma publicação periódica ou não (FETTER, 2011), e função de leitura contendo grande quantidade texto e imagem ao contrário dos itens de formato único, como anúncios e cartazes (SAMARA, 2011). Mediante tais aspectos, caracteriza-se pela edição e produção de livros, jornais, revistas, brochuras etc. (HEITLINGER, 2012) levando em conta as questões oriundas da atividade extensa de leitura visando garantir a comunicação conteúdo X leitor de maneira eficaz (SAMARA, 2011).

De acordo com Timothy Samara (2011), nas publicações editoriais devem ser levados em conta a harmonia entre informação, tipografia e imagem, visando a variedade de conteúdo nas páginas e seções tornando a leitura vivaz e envolvente (SAMARA, 2011):

- Informação: Organização de grandes volumes em pacotes de informações relacionadas
- Tipografia: Proporcionar legibilidade confortável ao longo das páginas
- Imagem: Integração entre imagens e tipografia

O projeto editorial revela capacidade de renovação sem perder seu foco de passar conteúdo. Com seu desenvolvimento o leitor passa a aguardar inovações visando, porém, identificar a publicação em si. Sendo assim, elementos estético-visuais são organizados, hierarquizados e planejados para serem veiculados tanto em meio impresso como digital (FETTER, 2011)

Segundo Collaro (2007) o livro é todo impresso com mais de 48 páginas, sem apresentar periodicidade, preso por um de seus lados (geralmente esquerdo) e com capas. A *Encyclopaedia Britannica*, citada por Haslam (2007, p. 8) caracteriza-o como “destinado à

circulação pública e registrado em materiais leves, porém duráveis o bastante para oferecerem uma relativa portabilidade” e um “instrumento de comunicação”. Este é o maior portador de conteúdo e conhecimento a ser transmitido para as gerações futuras e a mais antiga forma de documentação da história da humanidade (HASLAM, 2007).

Collaro (2007, p. 69) separa os livros nas seguintes categorias: romances, contos e crônicas, poesias, livros infantis e juvenis, teoria e crítica literária, ciências naturais e da saúde, ciências exatas, ciências humanas, tecnologia, informática, economia, administração, negócios, direito, educação, psicologia, psicanálise, reportagem e bibliografia, didáticos e paradidáticos de ensino fundamental e médio etc.

Dentro deste universo destinado às crianças, os livros infantis podem ser divididos em três grupos distintos (COSTA, 1990).

Elementar: livro pequeno resistente e plastificado. É sucinto, composto basicamente por ilustrações e não apresenta texto, caso presente, é destinado aos pais ou para quem irá ler para a criança. Livros de caráter elementar são aqueles destinados à identificação e ensino de objetos e ações (COSTA, 1990).

De história: visa trabalhar com o lado imaginativo da criança através de uma história. É, para Costa (1990), mais evoluído que o livro elementar. Apresenta cenas ilustradas complexas, tipografia menos legível podendo ser serifada, em blocos de texto breves para condução da cena sem tirar o enfoque da ilustração - elemento principal do livro de história (COSTA, 1990). Haslam (2007) pontua que a repetição é muito utilizada permitindo a criação de uma linha de possíveis acontecimentos futuros pela criança.

De ensino básico: apresenta temáticas de conteúdo escolar abordados de forma estratégica que consiste na “alternância de páginas duplas” (COSTA, 1990, p. 198). A ilustração, em parte didática, em parte distrativa, possibilita exercícios de reflexão e raciocínio lógico, promovendo a atenção da criança e assimilação de conceitos sem sobrecarregá-la (parte distrativa).

Por outro lado, toda publicação, seja de qualquer natureza, tem o objetivo de comunicar algo de alguma maneira. Nesse sentido, a comunicação orienta-se entre sete diferentes meios estratégicos de linguagem utilizados pelo emissor a fim de alcançar os efeitos esperados ao receptor (COSTA, 1989). Apresentadas por Costa (1989), as “sete orientações da comunicação” são:

Comunicação injuntiva: Também chamada por imperativa ou obrigatória, é aquela que apresenta caráter autoritário de convocação, induzindo a obediência imediata (COSTA,

1989). Exemplos característicos desse tipo de comunicação são cartazes políticos, convocações solenes e comunicados.

Comunicação persuasiva: Com principal função de sedução, usa da estratégia de fascinação através de fatores carismáticos, estéticos e emocionais (COSTA, 1989). Segundo Niemeyer (2010) tem como objetivo “dar credibilidade à mensagem”, ocorrendo entre as partes (caso o receptor seja atingido) um acordo de confiança. Ainda apresenta que esse tipo de comunicação é indispensável em processos de transformação. São persuasivas as propagandas e a publicidade em geral com o fim de fazer o receptor acreditar naquilo que se é transmitido.

Comunicação distrativa: É aquela que preenche o tempo livre (COSTA, 1989), podendo caracterizar-se para os receptores como hobby. São considerados distrativos livros de história, como romances, histórias em quadrinhos, charges, certos tipos de revista como Caras e revistas de decoração e arte, entre outros.

Comunicação pedagógica: Tem como elemento central a transmissão de conhecimento utilizando-se de leitura, raciocínio, esquemas e ilustrações (COSTA, 1898). Pode-se observar na comunicação pedagógica uma relação de codificação/decodificação, onde a mesma depende que o receptor tenha o domínio do que está sendo transmitido para o processamento da informação (NIEMEYER, 2010). São pedagógicos os livros didáticos, manuais, gráficos, enfim, aquilo que ensina algo.

Comunicação informativa: Jean Costa (1989) aborda que a mesma está presente em todos os tipos de comunicação. Informação, segundo a semiótica, busca sanar as dúvidas ou incertezas, não importando o que ela transmita, mas o impacto das mudanças por ela promovidas em seu receptor (COELHO NETTO, 2007). Abrange desde mapas à revistas, ou seja, tudo aquilo que traz informação (o que é novo ou incerto ao usuário).

Comunicação identificativa: Como o próprio nome sugere, possui finalidade de reconhecimento do transmitido (COSTA, 1989). É muito utilizado no meio jornalístico através de fotografias, matérias e reportagens.

Comunicação autodidática: É considerada por Costa (1989) a reação do receptor diante do que lhe é apresentado em forma de informação. Está diretamente ligada ao repertório do indivíduo, ou seja, a bagagem (memórias, experiências, etc.) que o mesmo apresenta e somente será reconhecida se estiver associada ao já conhecido (NIEMEYER, 2010). Exemplos de sua utilização são em sinalética, pictogramas e infográficos.

Com base na teoria e dados expostos acima, foram analisados o projeto editorial de alguns livros infantis, no intuito de compreender a sua linguagem visual e papel do design gráfico.

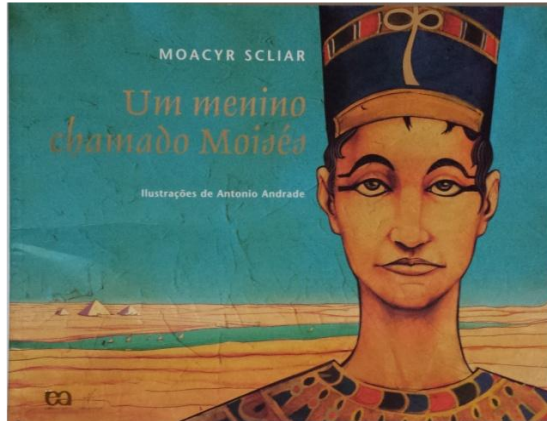


Figura 1: Capa do livro *Um menino chamado Moisés*
 Fonte: Fotografado pela autora

O livro *Um menino chamado Moisés* (2004) de Moacyr Scliar com ilustração de Antonio Andrade e publicado pela Editora Ática, trata da história do personagem bíblico Moisés, apresenta abordagem histórica e geográfica e enquadra-se no eixo das Ciências Humanas e Temas Transversais (MEC, 2012). Além disto, oferece a faixa etária sugerida de leitura compartilhada e individual.

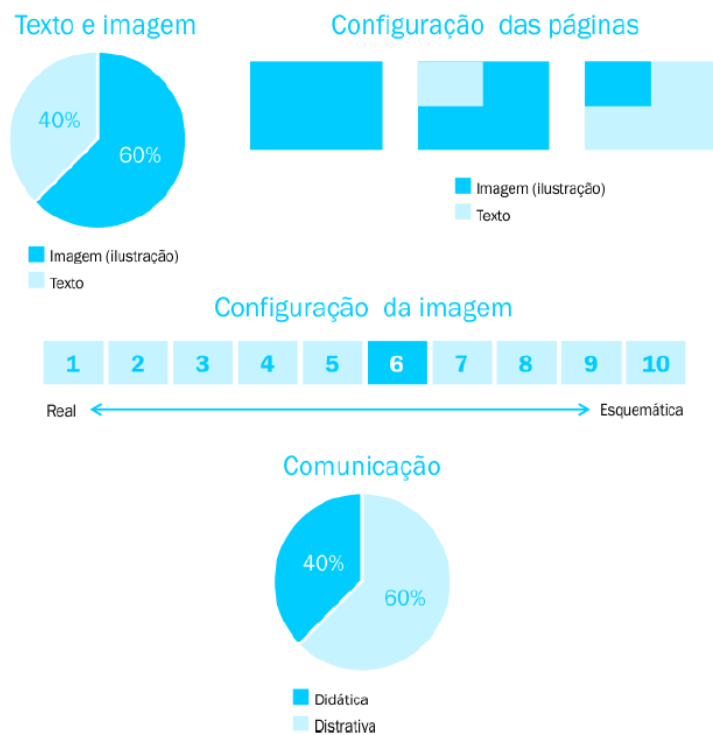


Gráfico 1: Análise do livro *Um menino chamado Moisés*
 Fonte: Elaborado pela autora

O mesmo apresenta uma proporção maior de imagens, em relação ao texto, configuração de imagem simples e a comunicação é mais distrativa, trazendo aspectos didáticos por conta da temática histórica e bíblica da publicação.

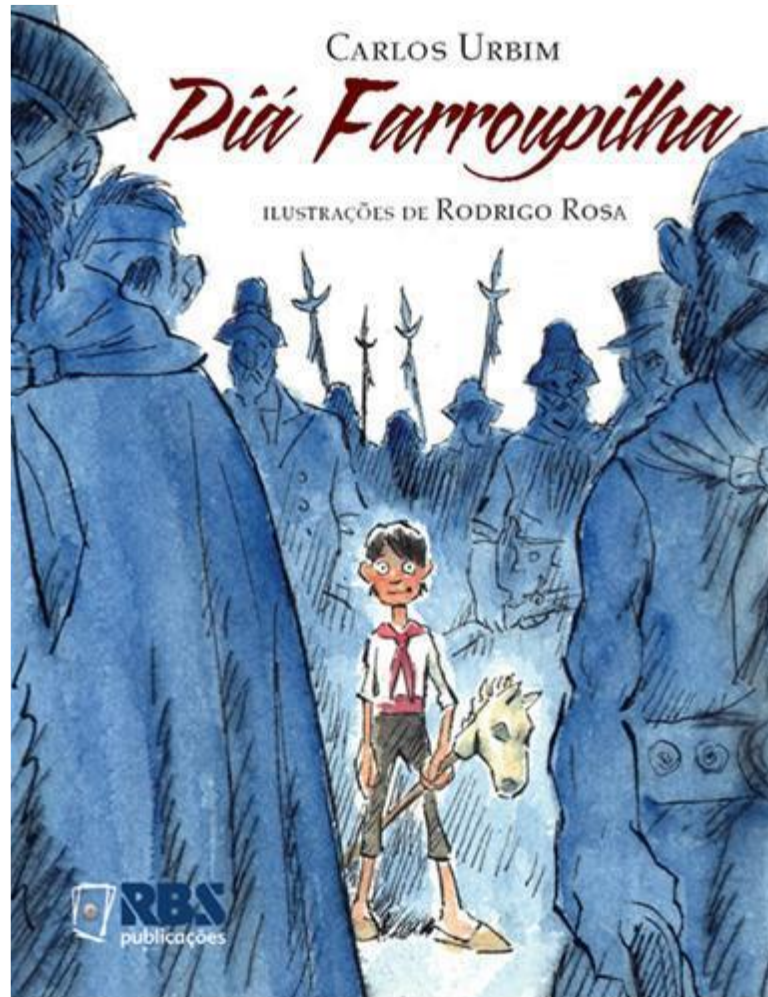


Figura 2: Capa do livro *Piá Farroupilha*
Fonte: RBS Publicações (2014)

O livro *Piá Farroupilha* (2005) de Carlos Urbin, com ilustrações por Rodrigo Rosa, conta a história de um menino de 10 anos que acompanha o pai em sua tarefa de imprimir o jornal dos rebeldes da Revolução, o jornal *O Povo*. A obra contém 96 páginas, como informa RBS Publicações (2014), com isso, pela quantidade relativamente grande de páginas e o personagem principal apresentar 10 anos, deduz-se que a publicação é para crianças de idade igual ou superior a do personagem.

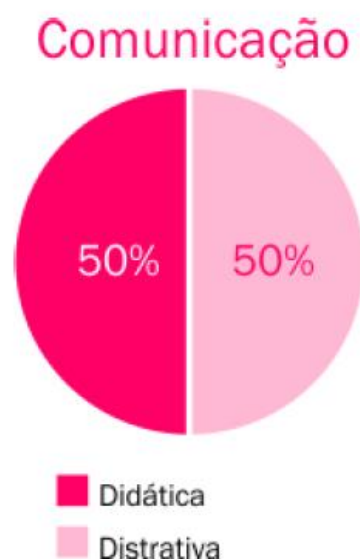


Gráfico 2: Análise de comunicação do livro *Piá Farroupilha*
Fonte: Elaborado pela autora baseado em RBS Publicações (2014)

A comunicação é 50% didática e 50% distrativa pela abordagem entre a mistura da história com a fantasia. O livro traz episódios do cenário da guerra, onde o menino estava inserido, aspectos da produção de um jornal (*O Povo*), o contato com os principais personagens da guerra e a história da independência da Província do Rio Grande do Sul em República Rio-Grandense (RBS PUBLICAÇÕES, 2014).



Figura 3: Estudo de ilustrações para o livro *Piá Farroupilha*
Fonte: Rodrigo Rosa (2005)

Com base nos estudos do ilustrador Rodrigo Rosa, retirados do seu antigo blog BLOGDEDESENHO (2005), observou-se a configuração das imagens (ilustrações) presentes na obra.

Configuração da imagem



Gráfico 3: Análise dos estudos de ilustrações do livro *Piá Farroupilha*
Fonte: Elaborado pela autora baseado em Rodrigo Rosa (2005)

Esta, pelo traçado manual e rabiscado caracteriza-se como mais esquemática e, portanto, mais complexa ao entendimento e interpretação da criança.



Figura 4: Capa do livro *Contando a Revolução Farroupilha*.
Fonte: Sávio Moura (2013)

Por Sávio Moura, o livro “Contando a Revolução Farroupilha” (2013) que faz parte do projeto cultural do Piquete Portal do Rio Grande do Sul, trata-se da Revolução em quadrinhos contada pelo principal personagem do autor, Chiru Velho (MOURA, 2013).

Configuração da imagem



Gráfico 4: Análise da ilustração do livro *Contando a Revolução Farroupilha*
Fonte: Elaborado pela autora baseado em Sávio Moura (2013)

A obra apresenta um estilo de ilustração caricatural e sua configuração de imagem simples e de fácil compreensão é mais próxima do estilo esquemático do que real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho revela a contribuição do design gráfico editorial para suprir algumas carências apresentadas hoje pela sociedade, no âmbito do letramento e de despertar o interesse extraescolar pela leitura. Analisando elementos gráficos como imagem, cor, tipografia, diagramação e compaginação, elaborou-se uma organização visual e estrutural que apresentasse sucintamente os conteúdos de alguns livros, no intuito de estabelecer uma relação harmônica e instigar o interesse da criança em fase de letramento.

Por abordar conteúdos relacionados com disciplinas que serão vistas em sala de aula com o decorrer e crescimento escolar do aluno, abre-se um leque de possibilidades a serem seguidas profissionalmente pelo designer gráfico, de grande importância social e cultural.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ADG (Associação dos Designers Gráficos). **ABC da ADG**. São Paulo: Blucher, 2012.

ADG Brasil (Associação dos Designers Gráficos). **O valor do design: guia ADG de prática profissional do designer gráfico**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

COLLARO, Antônio Celso. **Produção gráfica: arte e técnica da mídia impressa**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COSTA, Joan. “Diez casos específicos”. In **Grafismo funcional**. (org. MOLES, A.; JANISZEWSKI, L.) Coleção enciclopedia del diseño. Barcelona: CEAC, 1990.

COSTA, Joan. **Señalética**. Coleção enciclopedia del diseño. Barcelona: Ediciones Ceac, 1989.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde e DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. **A escola e o ensino da leitura. Psicologia em Estudo**. Maringá, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a05.pdf>> Acesso em abril de 2014.

FETTER, Luiz Carlos. **Revistas, design editorial e retórica tipográfica: a experiência da revista Trip (1986-2010)**. Dissertação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/30193>> Acesso em março de 2014.

HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II: como criar e produzir livros**. Trad. Juliana A. Saad e Sérgio Rossi Filho. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

HEITLINGER, Paulo. **Qual é a fonte mais apropriada para crianças?** Cadernos de tipografia, nr. 2. 2007. Disponível em: <<http://www.tipografos.net/cadernos/cadernos-2.pdf>> Acesso em maio de 2014.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. II Seminário Nacional. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/conhecimento/relatoriospesquisas/Lists/RelatoriosPesquisaEleitoral/Job%20102479%20-%20Pr%C3%B3-Livro%20-%20Retratos%20da%20Leitura%20no%20Brasil.pdf>> Acesso em março de 2014.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MEC (Ministério da Educação) e Secretaria da Educação Básica. **Acervos complementares: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento**. Brasília: A Secretaria, 2012.

NIEMEYER, Lucy. **Elementos de semiótica aplicados ao design**. Rio de Janeiro: 2AB, 2010.

PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes. **A literatura infantil no processo de formação do leitor**. Cadernos da Pedagogia. São Carlos, 2010. Disponível em: <<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/175/101>> Acesso em abril de 2014.

PIONEIRO. **“ABC da infância com livros”**. Caxias do Sul, 06 março de 2014

RBS Publicações. **Livro Piá Farroupilha**. Disponível em: <<https://www.assinanterbs.com.br/loja/rbs-publicacoes/livros/pia-farroupilha>> Acesso em abril de 2014.

ROSA, Rodrigo. Blog BLOGDEDESENHO. 31 de outubro de 2005. Disponível em: <http://www.blogdedesenho.blogspot.com.br/2005_10_01_archive.html> Acesso em abril de 2014.

SAMARA, Timothy. **Guia de design editorial: manual prático para o design de publicações**. Trad. Mariana Bandarra. Porto Alegre: Bookman, 2011.